

# HOMENAGEM AO PADRE FERNANDO BASTOS D'AVILA

TRIBUTE TO FATHER FERNANDO BASTOS D'ÁVILA

## **Domício Proença Filho**

É o quinto ocupante da Cadeira 28, na Academia Brasileira de Letras. Foi eleito Presidente da ABL para os exercícios de 2016 e 2017. É Livre-Docente em Literatura Brasileira pela UFSC e Professor Emérito de Literatura Brasileira da UFF. E-mail de contato: [domicio.proenca@terra.com.br](mailto:domicio.proenca@terra.com.br).

## RESUMO

Homenagem ao Padre Fernando Bastos D'Ávila, fundador do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio, em 1954, e sexto ocupante da cadeira nº 15 na Academia Brasileira de Letras, entre os anos 1997 e 2010.

**Palavras-chave:** Pe. Fernando Bastos D'Ávila; Academia Brasileira de Letras; Pensamento Católico; Sociologia.

## ABSTRACT

Tribute to Father Fernando Bastos D'Ávila, founder of the Department of Social Sciences at PUC-Rio in 1954, and sixth occupant of Chair No. 15 at the Brazilian Academy of Letters, from 1997 to 2010.

**Keywords:** Father Fernando Bastos D'Ávila; Brazilian Academy of Letters; Catholic Thought; Sociology.

Agradeço, em nome da Academia Brasileira de Letras, que aqui me cumpre representar, o honroso convite para participar dessa homenagem ao sempre lembrado e admirado Padre Ávila, que ocupou a Cadeira nº 15 da Casa de Machado de Assis.

À distinção da missão alia-se o prazer de voltar à PUC, onde fui, durante anos, professor de Literatura Brasileira, no Departamento de Letras, e onde lancei o meu primeiro livro.

Começo dizendo que não tratarei de sua dedicação religiosa, aliada a sua preocupação cidadã, compromissada com os problemas sociais e políticos do seu tempo. Também não vou falar do professor, do teólogo, do cultor das Letras.

Direi apenas de sua presença na ABL.

Entre na Academia em 2006. Foi lá que conheci o ocupante da Cadeira n. 15, sucessor de D. Marcos Barbosa. Ele havia tomado posse em 1997. A partir de então, passou a integrar o grupo de representantes assumidos do pensamento católico.

Sua atuação passou a contribuir em grande no espaço de uma prática tradicional nas sessões da Casa: a apreciação de reflexões sobre a cultura feita e a cultura fazendo-se na realidade brasileira, frequentemente perpassadas de debates, por vezes veementes e entusiasmados. Mas, para tranquilidade geral e por tradição, sem maiores conflitos desagregadores.

Nada que não se resolva nas conversas descontraídas do tradicional e grato encontro no chá das quintas-feiras.

Uma das marcas da ABL, desde sempre, é o cultivo da divergência na convergência.

Na festa de sua posse, a precisão do Acadêmico Alberto Venâncio definiu-o como “um sacerdote da Companhia de Jesus e, ao mesmo tempo, um pensador, um humanista, um sociólogo, e um militante na luta pela justiça social”.

E me permito acrescentar, por mim testemunhado no curto convívio com ele, interrompido por seu falecimento em 6 de novembro de 2010, marcado pela afabilidade e a generosidade e o dinamismo que lhe era peculiar.

O homem afável pode ser atestado pelas pessoas que com ele conviveram. E se evidenciava nos encontros na Academia.

A generosidade, que Hélio Jaguaribe qualificou como “transbordante”, pode ser medida por um acontecimento abrigado nas dobras do discreto, mas que era do conhecimento de todos os integrantes da Casa. Seja-me permitido revelá-lo.

É sabido que, por determinação regimental, a Academia destina aos seus integrantes que compareçam às sessões uma “cédula de presença” remuneradora de assiduidade e trabalho, por sessão, que passou a ser conhecida como jetom.

Uma observação, a propósito do galicismo, com perdão do vezo didático, antes que algum reparo à Academia viralize na internet: não nos esqueçamos de que alguns estrangeirismos

costumam coletivizar-se e incorporar-se à nossa língua portuguesa. Afinal, sabemos todos, quem faz a língua é o povo.

Até não muito tempo, o cumprimento do que estabelecia o artigo do Regimento era concretizado em espécie, ao final das sessões, num pequeno envelope branco.

Pe. Ávila, no retorno à sua residência, ia esvaziando gradativamente o citado invólucro, ao final livre de todo o conteúdo, aos pedintes de rua que se distribuíam ao longo do percurso.

Dizia-se que a prática, por sua regularidade, acabou privilegiando sempre os mesmos beneficiários, os donos dos pontos, conhecedores, inclusive, da faixa horária em que se dava o seu retorno, todas as quintas-feiras... na verdade, esse último fato nunca foi comprovado.

Volto a espaços acadêmicos em que se evidencia o seu dinamismo aliado à profundidade do seu conhecimento.

A ABL, ao longo dos seus 127 anos de existência, acompanha a dinâmica do processo cultural em que se insere.

Nas múltiplas instâncias desse processo, um dos princípios norteadores de sua ação, tem sido a conciliação entre a cultura feita e a cultura fazendo-se, no curso da história brasileira. Ao fundo, a associação entre a tradição e a mudança.

A atuação de Pe. Ávila com sua visão aberta, situava-se entre a dos acadêmicos que contribuíam com excepcional desempenho para assegurar esse propósito.

Nas instâncias destacadas, dele se pode afirmar o que Amadeu Amaral atribuiu ao padre Antônio Vieira, como ele mesmo, Pe. Ávila, citou na ABL, na sessão de 27 de novembro de 1997, comemorativa dos 400 anos de nascimento do notável orador sacro:

A vida dos grandes homens não termina com a morte do corpo. Eles continuam a viver e a agir, incorporados ao patrimônio das aquisições humanas, modificando ideias e ações, guiando inteligências e latejando até por uma eucaristia estranha, na própria substância dos espíritos que os devoram.  
(D'ÁVILA, 1997)

Repare-se: o texto amplia o conceito grego de imortalidade aplicada aos seres humanos: imortais são as pessoas que realizam feitos dos quais se falará ou se escreverá após a sua morte.

Trata-se, se entendi bem a *Ilíada*, de uma conceituação limitada ao nosso percurso existencial, a partir da finitude física e vinculada à permanência na memória coletiva.

Do aprimorado rigor na tecedura dos pronunciamentos do nosso homenageado, dá a medida o mesmo texto dedicado a Vieira.

Pe. Ávila perpassa uma exaustiva bibliografia sobre a sua obra, ao longo do tempo. Não se limita ao seu juízo crítico que, sabemos, era iluminador. A eles acrescenta-se a sua percuciente análise crítica marcada pelo seu olhar agudo e acurado.

Pode-se também atribuir-lhe as qualidades que aponta nos textos do grande orador sacro do século XVII: “O Pe. Antônio Vieira dava mais importância à grandeza e à justiça das causas que entendia dever defender dos que a qualquer pretensa vaidade literária” (D'ÁVILA, 1997).

De sua palavra na celebração dos atos religiosos, dá exemplo o texto da homilia destinada a ser proferida durante a missa de ação de graças que celebraria o centenário de nascimento do presidente Austregésilo de Athayde, na paróquia do Sagrado Coração de Jesus, na Glória, em 13 de setembro de 1998. O texto foi lido na sessão ordinária do dia 24.

O presidente falecera em 13 do mesmo mês, em 1993. Seus restos mortais encontraram abrigo, ao lado da esposa, D. Jujuca, no Mausoléu da Academia.

Cito uma passagem em que a referência à imortalidade para além do nosso percurso existencial é um testemunho de sua fé e dos princípios que o norteavam:

Respeito sinceramente aqueles que não compartilham de minhas convicções religiosas, mas com toda a liberdade que o liberal do século me garante, reafirmo a minha certeza: as cinzas de ambos estão juntas no mausoléu da ABL. Mas eles, Ele e Ela na imortalidade que aquele Deus no qual fingia não crer, os dois estão juntos, na plenitude instantânea da eternidade. (D'ÁVILA, 1998a).

A profundidade da reflexão do teólogo revela-se na sessão de 22 de outubro de 1998, ao discorrer sobre a Encíclica FIDES ET RATIO, de texto longo e denso.

Pe. Ávila, desde o começo, adverte:

O texto é a sincera e sofrida constatação do desencontro entre o esforço ascensional da racionalidade (o fruto da ratio) e o dom gratuito que desce do alto, o verbo, o logos, que se revela e se insere na História (o dom da fides). Rompeu-se aquilo que a Igreja sempre supôs o Orthòs logos, a Recta Ratio. (D'ÁVILA, 1998b)

Paro na advertência, para lembrar a homilia da missa de sétimo dia de Antônio Houaiss, lida na sessão de 18 de março de 1999.

Vale observar, num breve exemplo, alguns detalhes da habilidade delicada com que Pe. Ávila conduziu a sua fala.

Ele começa com uma referência a uma passagem do Livro de Jó, livro de origens misteriosas, integrado na Bíblia Sagrada, vindo do Oriente, de onde procede a ascendência paterna de Antônio Houaiss. E continua:

Não tive a oportunidade de privar por muito tempo da convivência com Antônio Houaiss. Fui informado de sua internação, em seu estado grave, no Hospital Silvestre. Apesar de advertido por nosso colega, Acadêmico Tarcísio Padilha, de que Houaiss lhe disse não acreditar em Deus, decidi visitá-lo, fazendo-o observar que Deus acreditava nele. Houaiss estava sedado e não teve

consciência de minha presença. Rezei as preces rituais, dei-lhe a absolvição e a unção dos enfermos. Terá ele ouvido as preces que fazia a Deus por ele? Ninguém pode mais desvendar este mistério. Hoje não tenho dúvida de que já participa da plenitude da felicidade prefigurada na história de Jó. Digo isso porque agora conheço melhor o seu passado. (D'ÁVILA, 1999a).

Completo a presença de sua palavra com a leitura de um trecho do que ele intitulou “A oração final do poeta João Cabral”:

Foi ontem, a essa mesma hora. Ele estava rezando com Marly.(...) Seus olhos, na tristeza que não lhe permitia mais ler, seus olhos gastos de ver tanta dor, tanto sofrimento, tanta injustiça impune, seus olhos se fecharam. Mas foi neste mesmo instante, enquanto ele orava a Deus, que aqueles olhos se abriram para a fulguração definitiva, de quem começava a ver Deus face a face que é o sentido bíblico do mistério da morte. Ele acabava de morrer: saía do tempo e entrava na eternidade, não uma duração interminável, mas a plenitude instantânea daquele Deus que terá sido a secreta paixão de toda a sua vida. (D'ÁVILA, 1999b).

Seja-me permitido concluir, parafraseando o último parágrafo dos três que integram a oração, dizer dele o que disse do poeta:

Pe. Ávila, junto àquele Deus que foi seguramente a sua clara e assumida paixão e devotamento de toda a sua vida, junto a Ele reza por nós no luminoso silêncio e na luz eterna.

Assim seja!

## Referências

D'ÁVILA, Fernando Bastos. Sessão de 27 de novembro de 1997. 400 Anos de Padre António Vieira. ABL, 1997.

D'ÁVILA, Fernando Bastos. Sessão de 24 de setembro de 1998. Centenário de Austregésilo de Athayde. ABL, 1998a.

D'ÁVILA, Fernando Bastos. Sessão de 22 de outubro de 1998. Sobre a Encíclica FIDES ET RATIO. ABL, 1998b.

D'ÁVILA, Fernando Bastos. Sessão de 18 de março de 1999. Sobre o falecimento de António Houaiss. ABL, 1999a.

D'ÁVILA, Fernando Bastos. A oração final do poeta João Cabral. ABL, 1999b.